

## 5

### Considerações finais

*Vocês não entendem a China.*  
(Xinran Xue, 2009, p.17)

Concluo esta dissertação, convicta de que tradução é encontro, confronto, assimilação, transformação. Presenciamos aqui o encontro, resistência e conciliação, entre duas culturas bem diversas, a indiana e a chinesa, que por milhares de anos desenvolveram-se separadamente, isoladas uma da outra, com diferentes e profundas raízes culturais, e que, através da tradução, se assimilaram, se enriqueceram e se transformaram. As traduções budistas transformaram ao mesmo tempo a China e o Budismo. Uma transformação regulada, progressiva e lenta, um processo que durou muitos séculos e que ainda não conhecemos e não entendemos muito bem. Nem a China nem o Budismo nunca mais foram os mesmos depois da chegada dos primeiros monges tradutores estrangeiros.

A China, hoje, não é mais tão budista. Mas o que ela é, sua atual abertura para o mundo ocidental e seu definitivo e transformador encontro com o Outro, teve seu início com as traduções das escrituras budistas. E, em pleno século XXI, em plena quinta onda tradutória chinesa, ainda há muito a ser compreendido sobre a primeira onda.

Uma importante consideração desta dissertação é que é preciso trabalhar além das tradições tradutórias ocidentais, ampliando assim os limites dos estudos contemporâneos da tradução. Se por um lado concluo que os pensamentos chinês e ocidental são muito diferentes entre si, por outro lado não percebo até agora uma separação clara entre o que estaria dentro ou fora da tradição tradutória do Ocidente, não ficou muito claro o que na verdade difere os processos tradutórios chineses dos ocidentais. Podemos, entretanto, concluir que dificilmente se terá notícia, no Ocidente, de um período tradutório tão longo e tão relevante, com tão nítida influência na transformação de uma filosofia e na construção de uma civilização, como foi a primeira onda tradutória na China.

Tive várias dúvidas ao longo desta investigação, e uma delas foi como tratar duas culturas orientais milenares, a da Índia e a da China, tão diferentes,

mas igualmente tão ricas e tão complexas, não tendo como escapar do meu tendencioso olhar ocidental. Um olhar que a toda hora trouxe, consigo, um inevitável e inerente pensar ocidental.

Ao me deparar logo de início com a imensa riqueza das civilizações e filosofias envolvidas e com o também complexo fenômeno da tradução, logo pude constatar a inevitabilidade das simplificações que teriam que ser feitas ao longo de todo o estudo. Desde cedo, entretanto, ao falar de Índia, China, Budismo e Taoísmo, procurei não fazer generalizações, talvez nem sempre com êxito. Se simplificar é inevitável, que pelo menos tenhamos essa consciência.

Uma das primeiras e mais claras conclusões a que acredito ter chegado nesta investigação é que nós, ocidentais, não conhecemos a China, assim como não conhecemos muitas outras culturas milenares orientais. Esse nosso desconhecimento, entretanto, deveria nos deixar ainda mais cautelosos e atentos para que nossas análises e conclusões não sejam precipitadas ou mesmo devastadoras para tais civilizações.

*“Sometimes we can understand others just well enough to know that we don't understand them”* (Samuel Fleischacker, 1992, s.p.) ([www.stanford.edu](http://www.stanford.edu). *Comparative Philosophy: Chinese and Western*).

O Budismo Chinês se desenvolveu através de uma interação do Budismo com o pensamento chinês, mais especificamente o Taoísmo, o qual possuía questões e temas que o tornavam particularmente apropriado para interagir com o Budismo. Sabemos que a interação entre as pessoas e as filosofias muito dependem de experiências e anseios semelhantes no passado e no presente. Se, como pessoas, compartilhamos suposições e pretensões, temos mais chance de nos entendermos, e parece que foi exatamente isso o que aconteceu com o Budismo no encontro com o Taoísmo, através das traduções budistas.

Procurei fazer uma apresentação panorâmica da história da tradução na China, focando o mais possível nas atividades tradutórias budistas, sem pretender, entretanto, fazer um trabalho exato e completo. Esta dissertação consiste em um dos possíveis e incontáveis recortes que poderiam ter sido feitos na trajetória budista na China, sob um determinado ponto de vista pessoal e intransferível, repleto de lacunas.

Os registros históricos jamais contam a história por completo e vamos sempre ter que conviver com a idéia de que não poderemos ter acesso à história

“verdadeira”. Espero, entretanto, ter levantado pontos relevantes da primeira onda tradutória chinesa e sua importância para a construção cultural e filosófica da China.

Espero, ainda, que esta dissertação contribua para ratificar a idéia de que os estudos da tradução devem estar definitivamente inseridos em um contexto bem mais amplo do que o contexto linguístico. Parece, também, ter ficado claro que os estudiosos da tradução, desde o começo do século XX, vêm cada vez mais alargando as fronteiras acadêmicas ao relacionarem o fenômeno da tradução diretamente com fatores como poder, ideologia, história, filosofia. Esse alargamento de horizontes definitivamente enriquece os estudos da tradução e confirma a crença de que ela é um complexo processo comunicativo que sempre acontece em um contexto de cultura, não sendo uma mera troca linguística. Vimos nesta dissertação o importante papel que a tradução exerce no processo de expansão, intercâmbio e construção de uma cultura.

Como pudemos constatar, a primeira onda tradutória chinesa proporcionou um importante fórum de discussão ao longo de quase um milênio, ao mesmo tempo em que foi por ele constituída. Vimos, na esfera do dizer, que a discussão sobre tradução simples / tradução elegante ou sofisticada se desenvolveu ao longo de todo o fazer da tradução budista e que nas primeiras traduções, orais ou escritas, acreditou-se que a tradução simples era a maneira de se chegar mais perto do pensamento de Buda. Mais tarde, com Dao-an, descobriu-se a relação entre o tipo de texto e a estratégia tradutória, libertando o tradutor da crença cega na tradução simples. Ao se cortar o que seria “redundante” para o público leitor chinês, o fazer tradutório se encaminhou, na história da tradução na China, para o que foi chamado de tradução elegante ou sofisticada.

Concluimos que a história da tradução budista na China é a história de um dos maiores intercâmbios já vistos entre culturas, o qual deixou para a China uma riqueza espiritual muito valiosa e, para os estudos da tradução, uma fonte inesgotável de matéria-prima e a certeza da intrincada relação entre tradução e cultura.

Espero ainda com esse trajeto ter ido um pouco além da visão eurocêntrica, no sentido de ter conseguido chamar a atenção para a necessidade de olharmos para a China com a mente mais aberta, com menos concepções pré-concebidas, a fim de melhor compreendermos essa desconhecida cultura.